

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160303-0716>

## RISOS E FUTEBOL: UM ENSAIO SOBRE AS PAIXÕES NA MÍDIA ESPORTIVA\*

Rony Petterson Gomes do Vale\*\*  
Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Letras  
Viçosa, MG, Brasil

**Resumo:** O presente ensaio é resultado das discussões teóricas iniciais que fundamentam nossas pesquisas sobre a interface entre futebol e discurso humorístico. Neste texto, procuramos desenvolver uma reflexão a respeito de uma tipologia do riso em quadrinhos de humor (neste ensaio, mais especificamente a charge), nos quais o futebol é o tema central. Mesmo admitindo que a rivalidade entre as equipes adversárias proporcione – na maioria dos casos – o desencadeamento de um riso de escárnio ou de um riso malvado, nossa proposta visa a evidenciar, pelo viés da Análise do Discurso, a presença de efeitos de sentido próximos de outras espécies de riso como o alegre e o bom, como postula Propp no seu *Comicidade e Riso*.

**Palavras-chave:** Estratégia discursiva. Riso. Futebol.

### 1 INTRODUÇÃO

“Que Beleza!” diz o locutor Milton Leite do canal SPORTV quando um jogador comete uma asneira – e, ultimamente, no futebol brasileiro, o que mais acontece são asneiras! Do fiasco da participação da seleção na copa do mundo de 2014 aos disparates de ações legais influenciando a história dos clubes nacionais, aos erros grosseiros de arbitragem e aos desmandos e à corrupção explícita da CBF, tudo parece – por mais paradoxal que seja – fonte para o riso (e também para o choro) no futebol tupiniquim. Com isso em mente, este ensaio se envereda por dois caminhos: o primeiro discute como certas paixões envolvem o esporte mais querido pela maioria dos brasileiros; já o segundo procura evidenciar como as *formas e formas reduzida do riso* (p. ex.: humor, ironia, tirada, paródia, piada etc. – cf. VALE, 2013, p. 111 *et seq.*) podem ser percebidas na mídia esportiva. Destarte, mesmo admitindo que a rivalidade entre as equipes adversárias proporcione – na maioria dos casos – o desencadeamento de um *riso de escárnio* ou de um *riso malvado*, nossa proposta visa perscrutar a presença de efeitos de sentido próximos de outras espécies de riso como, por exemplo, o riso *alegre* e o riso *bom*.

---

\* O presente ensaio é uma versão revista e ampliada de texto “Por uma caracterização do riso nos quadrinhos de humor e futebol”, apresentado como comunicação oral no II Simpósio nacional sobre linguagem humorística: focalizando quadrinhos, da UFES. Além disso, esse ensaio lança as bases filosóficas, teóricas e metodológicas de nosso projeto de pesquisa de Iniciação Científica “Futebol, humor e discurso: por uma caracterização do riso na mídia esportiva impressa” desenvolvido no período de 2015-2016, na UFV.

\*\* Doutor em Linguística do Texto e do Discurso. Professor Adjunto I. E-mail: ronyvale@ufv.br

Nesse ínterim, buscamos também refletir sobre como a *linguagem do riso*<sup>1</sup> pode se desenvolver, no âmbito do humor e do futebol, com a sombra do *politicamente correto* agindo como uma espécie de “censura branca” que cerceia expedientes em vários níveis semióticos – do linguístico ao imagético. Isso porque – acreditamos – tal censura parece ter o potencial não somente de fazer os humoristas buscarem novas estratégias discursivas para driblar as coerções sociodiscursivas estabelecidas pelo *politicamente correto*, mas também de abrir a possibilidade de as formas do riso se voltarem para além da rivalidade e do escárnio.

## 2 UMA TIPOLOGIA DO RISO: O PROBLEMA DO RISO BOM E DO RISO ALEGRE

De início, acreditamos ser providencial retomar, nesta seção, nossa crítica aos postulados de Vladimir Propp a respeito de uma tipologia do riso. Em *Comicidade e riso*, Propp (1992) afirma que o estudo da comicidade deve se pautar, ao mesmo tempo, na estética das obras ditas cômicas e na psicologia do sujeito que ri. Com isso em mente, o autor se debruça sobre a psicologia de diferentes tipos de riso, procurando evidenciar os mecanismos capazes de desencadear o riso e a forma como eles agem na cognição humana. Segue que o crítico russo passa a elencar e a discutir, metodicamente, os principais tipos de riso, para os quais apresentamos uma síntese:

- a) *Riso de zombaria*. Voltado para a punição dos vícios e para o escárnio dos defeitos (mesquinhos). Altamente satírico e destruidor, esse riso estabelece como alvo, entre outras coisas, a falsa grandeza, a falsa autoridade, a falsa pusilanimidade, a falsa pudicícia e a norma estabelecida. O prazer gerado por esse riso é a somatória de sentimentos como a satisfação e a sensação de superioridade (conquistada por uma espécie de vitória), o ódio (contra o objeto do riso), a alegria (com os pequenos infortúnios alheios), entre outros;
- b) *Riso bom*. Raramente encontrado, esse riso também se volta para a punição dos vícios; todavia, diferentemente do riso de zombaria, ele não porta o traço de irrisão. Isso se deve ao fato de que a punição proporcionada por esse riso é embotada por alguma forma de afeto daquele que ri sobre o objeto do riso, pois o “defeito pode ser próprio de uma pessoa a quem amamos e apreciamos bastante ou por quem sentimos simpatia”. Nessas circunstâncias, “um defeito não provoca condenação, mas pode, ao contrário, reforçar um sentimento de afeto e simpatia” (PROPP, 1992, p. 152);
- c) *Riso maldoso*. Nesse tipo de riso, os vícios e os defeitos (mesquinhos, aparentes, reais ou inventados) são hiperbolizados. Com isso, esse riso se aproxima fortemente da maledicência e da falsidade, cuja ausência de um impulso nobre faz elencar como alvos preteridos: a hipocrisia diante da realidade e a sacralização dos atos de bondade (tidos sempre como falsos). Assim sendo, o

---

<sup>1</sup> Conceito cunhado a partir das ideias de Bakhtin. Permite delinear o riso enquanto manifestações *linguageiras* e enquanto *atividade responsiva ativa*, possibilitando descrever e interpretar o riso não somente como efeito de sentido pretendido e possível, mas também como princípio organizador de textos e de discursos (cf. VALE, 2012).

*pathos* desse tipo de riso pode beirar o ódio generalizado, convertendo-se em pseudotrágico. Isso porque, esse riso, nos alerta Propp (1992, p. 160), está estritamente ligado à infelicidade, ao fracasso e à desilusão daquele que ri;

- d) *Riso cínico*. Embora seja muito similar ao riso maldoso, o riso cínico se difere desse pelo fato de que retira seu prazer da desgraça alheia. Para Propp, esse tipo de riso se afasta, como o riso maldoso, da comicidade, pois não são mais os pequenos infortúnios que se tornam alvo, mas qualquer desgraça, seja ela de pequena ou de grande dimensão. Esse tipo de comportamento, ressalta Propp (1992, p. 160), é “próprio de um ser humano árido, incapaz de compreender o sofrimento dos outros”;
- e) *Riso alegre*. Diferencia-se do riso bom, pois, em nenhum grau, se verifica a presença de alguma forma de punição dos defeitos. Não carrega, de modo algum, o traço de irrisão. Tal como o riso ritual, o riso alegre é vivificador das forças e do desejo de viver, porém se distancia também desse último, uma vez que não assume nenhum papel (obrigatório) em cerimônias de cunho religioso. As causas do riso alegre não são precisas e os pretextos de seu surgimento podem ser os mais insignificantes. O prazer desencadeado por esse riso se aproxima de um alegramento puro. É próprio de pessoas boas e dispostas ao humorismo (PROPP, 1992, p. 163);
- f) *Riso ritual*. Como o próprio nome diz, esse riso está ligado aos mais diferentes tipos de rituais verificados desde os primórdios das sociedades humanas. Tido muitas vezes como intencional e/ou artificial (falso), o riso ritual pode até mesmo, assim como o choro, ser obrigatório em algumas cerimônias. De acordo com Propp (1992, p. 164-165), tal riso tem função de despertar e de elevar as forças vitais, suscitar a vida e, até mesmo, promover a ressurreição dos mortos, tanto dos seres humanos (por vezes, também dos deuses) quanto dos vegetais (os rituais realizados durante as colheitas e as sementeiras).

Embora Propp vislumbre a possibilidade de existência dos outros tipos de riso, é importante ressaltar o papel do riso de zombaria nas pesquisas sobre a comicidade. De acordo com Propp (1992), esse riso de zombaria pode chegar ao ponto de ser tomado, por vezes, como sinônimo de comicidade. O que se deve ao fato de que “Justamente este e, [...], apenas este aspecto [irrisão] está permanentemente ligado à esfera do cômico. Basta notar, por exemplo, que todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida” (PROPP, 1992, p. 28).

É oportuno destacar que, em grande parte do seu texto<sup>2</sup>, Propp (1992) se interessa pelo riso de zombaria e seus aspectos. Com isso, os demais tipos de riso recebem uma análise deveras superficial, em especial o riso bom e o riso alegre, pois “estes tipos de riso não são provocados pela comicidade, não estão ligados a ela e constituem uma questão mais de caráter psicológico que estético” (PROPP, 1992, p. 162). Propp justifica essa posição, apresentando o fator quantitativo como argumento decisivo para não avançar em suas reflexões e análise desses tipos de riso, pois, segundo ele, “Partindo-se

---

<sup>2</sup> Dos vinte e sete capítulos que compõem *Comicidade e riso*, dezenove são dedicados à análise do riso de zombaria.

de observações de ordem puramente quantitativas, podemos afirmar que o riso de zombaria é o mais freqüente, que é o tipo fundamental de riso humano e que todos os outros tipos encontram-se muito mais raramente. Do ponto de vista da lógica formal pode-se chegar racionalmente à conclusão de que há duas subdivisões do riso, ou dois gêneros. Um contém a derrisão, o outro não” (PROPP, 1992, p. 151).

Contudo, devemos chamar a atenção para esses dois tipos de riso, pois, diferentemente do riso ritual, o riso bom e o riso alegre podem ser desencadeados por via discursiva. Com efeito, esses tipos de riso, de modo semelhante ao riso de zombaria ou o riso maldoso, também participariam de um discurso baseado no risível, muito embora estejam, aparentemente, mais afastados da comicidade, como sugere Propp.

Como alegamos anteriormente, nessa atitude de Propp parece ressoar uma certa visão (moderna) a respeito de certos tipos de riso nos fatos da comicidade e do humor. Numa linha um pouco divergente, podemos citar Baudelaire. Procurando definir a essência do riso em seu estudo sobre a caricatura, Baudelaire (1855) considera que o riso é diversificado e que não nos alegamos somente com a desgraça, a fraqueza e inferioridade de outrem. Isso porque, nosso riso, prossegue o poeta, pode ser excitado de maneiras (inocentes!) que muitas vezes não tem nada a ver com o “espírito de Satã”.

Nesse sentido, Baudelaire (1855, p. 9-10 – tradução nossa) propõe que façamos uma distinção entre o que é a *alegria* e o que é o *riso*. A primeira, nos esclarece esse autor, é um estado de espírito existente por si mesmo; um estado de espírito que pode se manifestar de inúmeras formas, por exemplo, o silêncio, o choro e, é claro, o riso. Já esse último “é a expressão de um sentimento duplo, ou contraditório; e é por isso que há a convulsão”<sup>3</sup>. Desse modo, o riso das crianças, que seria uma objeção à sua tese, é, para Baudelaire, “totalmente diferente, mesmo como expressão física, quanto forma, do riso do homem que assiste a uma comédia, observa uma caricatura”<sup>4</sup>, pois o riso das crianças “é como um desabrochar de uma flor. É a alegria de receber, de respirar, de se abrir, de contemplar, de viver, de crescer”<sup>5</sup>. E, com base nessa ideia de um riso de alegramento per si, Baudelaire é levado a diferenciar<sup>6</sup> as formas de cômico em *significativo* e *absoluto*, sendo este último totalmente desprovido de qualquer alegria.

No âmbito de uma crítica estética e psicológica, Pirandello (1996) busca a essência do humorismo, tratando, primeiramente, de diferenciá-lo de outras *formas do riso*, principalmente, do cômico. Com esse intuito, Pirandello nos diz que uma obra

---

<sup>3</sup> No original: “Le rire est l’expression d’un sentiment double, ou contradictoire; et c’est pour cela qu’il y a convulsion.”

<sup>4</sup> No original: “[...] est-il tout à fait différent, même comme expression physique, comme forme, du rire de l’homme qui assiste à une comédie, regarde une caricature...”

<sup>5</sup> No original: “Le rire des enfants est comme un épanouissement de fleur. C’est la joie de recevoir, la joie de respirer, la joie de s’ouvrir, la joie de contempler, de vivre, de grandir.”

<sup>6</sup> De acordo com Santos (2012, p. 23-24), a diferença entre as formas cômicas apontadas por Baudelaire tem como base, por um lado, a percepção (do cômico) e, por outro, a intenção imitativa dessa percepção pelo artista. Assim, ainda seguindo Santos, o *cômico absoluto* (ou grotesco) seria mais natural (no sentido de encontrado na natureza) e captado somente pela intuição humana; já o *cômico significativo* (ou ordinário) estaria mais para a arte, para uma linguagem vulgar (cotidiana) e, por conseguinte, seria mais fácil de analisar.

humorística, assim como toda realização artística, passa por um procedimento psicológico de organização. Essa organização psicológica, no caso específico do humorismo, se aproxima de uma forma de sentimento que, “à medida em que (sic) a obra se faz, ela a critica, não friamente como faria um juiz desapaixonado, analisando-a, mas improvisadamente, segundo a impressão que dela recebe” (PIRANDELLO, 1996, p. 131). Disso, chega-se ao princípio que organiza o humorismo: o *sentimento do contrário*.

Pirandello defende essa ideia, exemplificando esse princípio com o caso da velha senhora “fantasiada” com roupas e maquiagens de mulheres mais jovens. Segundo o crítico italiano (1996, p. 132), ao nos darmos conta dessa senhora, pomo-nos a rir, uma vez que ela representa o contrário daquilo que se espera de uma senhora respeitável. Tem-se, então, a essência do cômico, ou seja, a *advertência do contrário*. No entanto, se nos colocamos a refletir sobre a situação, os motivos que levaram a velha senhora a se “empetecar” ridiculamente (por exemplo, para agradar um esposo muito mais jovem que ela e, por conseguinte, conservar seu relacionamento), e “eis que não posso mais rir disso como antes, precisamente porque a reflexão, trabalhando em mim, fez-me ir para além daquela primeira advertência, ou de preferência, mais adentro: daquela primeira advertência do contrário fez-me passar a este sentimento do contrário” (PIRANDELLO, 1996, p. 132).

Conclui-se disso que, para Pirandello, a diferença básica entre uma representação cômica e uma representação humorística é como se dá a percepção do contrário, este último portador do potencial gerador do riso. Porém, esse potencial pode ser embotado a partir do momento em que a reflexão, a qual, na visão de Pirandello, necessariamente segue alguma forma de *sentimento*, tende a turbar ou a impedir o riso.

Quanto a esse último ponto, Bergson (2007, p. 3) é categórico: “o riso não tem inimigo maior que a emoção”. A insensibilidade e a indiferença, afirma o filósofo francês, são fatores necessários para que a comicidade produza seus efeitos de sentido (leia-se: *riso*). Para Bergson, isso se deve ao fato de que “Numa sociedade de puras inteligências provavelmente não mais se choraria, mas talvez ainda se risse; ao passo que almas invariavelmente sensíveis, harmonizadas em uníssono com a vida, nas quais qualquer acontecimento se prolongasse em ressonância sentimental, não conheceriam nem compreenderiam o riso” (BERGSON, 2007, p. 3).

Assim sendo, emoções como a piedade e a afeição têm um grande potencial de anular o riso, pois, para que ele – o riso – aconteça, é necessária uma certa *anestesia do coração*. Ou seja, a comicidade “dirige-se à inteligência pura” (BERGSON, 2007, p. 4).

Em suma, se considerarmos que, de um modo geral, as teorias<sup>7</sup> correspondem a uma certa visão admitida a respeito de determinado fenômeno em dada época e que, de volta,

---

<sup>7</sup> De acordo com Charaudeau (2006, p. 196 *et seq.*), teorias e construtos teóricos devem ser enquadrados como *saberes de conhecimento*, que procuram estabelecer uma verdade sobre o mundo, constituindo um saber exterior ao homem, de modo que o mundo se imponha ao homem como realidade por si mesmo. Esse conhecimento pode ser subdividido em: *savant* (próximo do saber *científico*; da ordem do que pode ser provado) e de *experiência* (próximo de um saber que pode ser experimentado). Os saberes de conhecimento se diferenciam, por exemplo, da *doxa* e do *senso comum*, pois esses se enquadram na classe dos *saberes de crença*, que procuram também estabelecer uma verdade sobre o mundo, mas por meio da avaliação e do julgamento. Nesse caso, o homem, com base num engajamento daquele que enuncia em relação ao conhecimento enunciado, se impõe ao mundo e esse passa por um filtro interpretativo do sujeito. Esses

os construtos teóricos influenciam outras reflexões posteriores, constituindo assim *imaginários sociodiscursivos* sobre esse mesmo fenômeno; devemos, então, aceitar que *dificilmente* poderemos perceber o riso bom e o riso alegre. Isso porque, como vimos, esses dois tipos estão muito próximos de emoções que poderiam anular o riso, embotar a sua intensidade ou, até mesmo, mudar a classe de suas *formas*. Contudo, evidenciar essa dificuldade não quer dizer, de modo algum, que esses tipos de riso não podem ser induzidos, o que, por consequência, nos obriga a considerá-los, mesmo que em potência, na análise do discurso humorístico e, no caso especial deste trabalho, no âmbito do humor sobre o futebol.

Figura 1 – Charge de Duke: Fernandão



Fonte: SUPER NOTÍCIAS. Belo Horizonte: Sempre Editora, 2014, ano 13, n. 4411, p. 2.

Exemplo disso é a charge da figura 01. Nela, podemos dizer que o riso, passível de ser desencadeado, de modo algum está ligado ao riso de escárnio ou ao riso mal, uma vez que o humor colocado visa a um *riso alegre* ou a *representação* de um riso muito próximo do *riso ritual*, que busca uma superação de momentos tristes por um ato de reverência, de aclamação daqueles que nos deixaram. Em outras palavras, diremos que o riso na charge da figura 01 sobre a morte do jogador Fernandão está vazio do daquilo que marca as partidas de futebol: a *rivalidade* entre os times e os torcedores.

---

saberes de crença podem se apresentar na forma de uma *revelação* (semelhante às verdades doutrinárias) e de *opinião* (marcadas por um engajamento do sujeito). Todos esses saberes (de conhecimento e de crença), no entanto, devem, ainda de acordo com Charaudeau, ser considerados como formas materializadas de expressão com núcleo semântico estável, isto é, maneiras de dizer as *representações sociais* que circulam em dada sociedade e que, por isso, constituem os *imaginários sociodiscursivos* sobre determinado fenômeno ou realidade.

### 3 RIVALIDADE X EMULAÇÃO: DISCUTINDO PAIXÕES NO FUTEBOL

A princípio, devemos refletir sobre as relações sociais (e discursivas) que o esporte bretão pode proporcionar a partir do enfrentamento de 22 jogadores correndo atrás de uma bola. De fato, esse enfrentamento não se resume às quatro linhas do campo; no nosso modo de ver, ele estimula o espírito de rivalidade tanto nos próprios jogadores quanto nos torcedores: as discussões sobre o jogo continuam após o seu término, numa aparente tentativa de levar esse “enfretamento” às últimas consequências – o que infelizmente, por vezes, acontece, gerando incidentes como a morte de torcedores. Nesse passo, entende-se que a rivalidade deve ser considerada um fator decisivo nas reflexões sobre discursos que têm no futebol sua matéria e que ela pode se consubstanciar em várias formas: física; fisiológica; psicológicas; e, lógico, discursiva – alvo de nossa reflexão aqui. Uma pergunta, no entanto, se coloca: o que entendemos por *rivalidade*?

De acordo com o dicionário Houaiss (2009 – destaques nossos), *rivalidade* pode ser definida como “característica ou condição de rival ou do que rivaliza” e pode apresentar as seguintes acepções:

1. Oposição, *por vezes lúdica e ger. sem grandes consequências*, entre dois ou mais indivíduos, grupos, instituições que perseguem um mesmo objetivo e em que cada lado visa suplantar o(s) outro(s); competição, concorrência, disputa, emulação;
2. Zelo excessivo; ciúme;
3. Ausência de entendimento, de tolerância, de convivência pacífica entre pessoas, grupos étnicos, instituições, países etc. que disputam entre si alguma coisa, *não raro de modo violento*, ou cujos interesses, opiniões etc. são radicalmente diversos; luta, conflito.

Assim definida, podemos dizer que a rivalidade se situa no quadro das paixões que, de certo modo, “comandam” as ações humanas, por exemplo, a ira e o amor. Mais do que isso: ela se apresenta com características de paixões compósitas (como o ciúme), uma vez que, ao mesmo tempo, apresenta em seu âmago tanto o potencial da agressividade, da violência quanto o potencial do prazer do lúdico, da brincadeira – muito semelhante à paixão desconhecida que comanda o riso (cf. HOBBS, 1966). Como efeito, essa mistura de sentimentos – problemática constante nos estudos discursivos – presente nessa definição de “rivalidade” nos levaria, em princípio, a um beco sem saída – como acontece com o riso – que evitaria seu estudo. Todavia, acreditamos que essa questão possa ter uma terceira via. Vejamos.

Aristóteles, no livro II da Retórica, discute o valor retórico da motivação dos sentimentos e das emoções no juízo dos ouvintes, pois os “factos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo” (ARISTÓTELES, 2005, p. 159). Com efeito, nos diz o filósofo, as paixões têm uma função importante na argumentação, uma vez que são elas “as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos nossos juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer...” (ARISTÓTELES, 2005, p. 160). Nesse passo, podemos afirmar que as paixões, ou melhor, o conhecimento sobre elas é uma “arma” nas mãos daqueles que desejam argumentar e elaborar “n” tipos de discursos, movendo o ouvinte ou o leitor no campo do hedônico.

Aristóteles, ainda no livro II da Retórica, descreve e analisa várias paixões, como a calma, a ira, a vergonha, o amor/amizade, o medo, a emulação etc. Dentre estas, daremos especial atenção aqui à emulação, à ira e à hostilidade, uma vez que essas parecem estar no bojo da definição de rivalidade, apresentada anteriormente.

Segundo Aristóteles (2003; 2007), a ira (cólera, raiva, fúria) pode ser definida como um desejo ou um impulso, acompanhado de dor e de tristeza, voltado para um desprezo sofrido, por vezes sem ser justificado, por uma dada pessoa ou por um alguém muito querido desta. Esse desejo gera um dado prazer que está diretamente ligado à expectativa de vingar-se do indivíduo de onde se originou o desprezo. Nesse ponto, é importante ressaltar a diferença entre o ódio (ou hostilidade) e a ira: enquanto esta se volta para um indivíduo em particular, aquele pode se voltar para o coletivo. Isso se deve, dentre outras coisas, aos objetivos ou as finalidades por detrás das relações interpessoais que se apresentam nessas paixões: “cólera é o desejo de causar desgosto, mas ódio, o de fazer mal, visto que o colérico quer notar o desgosto causado, enquanto ao que odeia nada importa” (ARISTÓTELES, 2003, p. 29).

Ainda no tocante à pessoa que sente ira, salienta Aristóteles, essa paixão pode ser desencadeada pela falta de respeito daquele que se julga dotado de superioridade (material ou espiritual) em relação aos outros, uma vez que “um homem espera ser respeitado, sobretudo pelas pessoas que são inferiores em nascimento, capacidade, bondade, e, em geral, em qualquer coisa na qual esse homem seja superior” (ARISTÓTELES, 2007, p. 84). Por conseguinte, esse mesmo homem, por sua condição, será também alvo da fúria daqueles (inferiores) que zombam e escarnecem.

A emulação, por sua vez, pode ser definida, com base em Aristóteles, como uma paixão de caráter nobre, voltada para a competição entre pessoas de bem. Nas palavras do filósofo, “a emulação é o sofrimento causado pela presença de coisas boas, em pessoas cuja natureza é semelhante à nossa, que são vistas em alta conta e as quais podemos adquirir; porém, não nos emulamos pelo fato de essas pessoas terem tais coisas, mas por nós não as termos. Portanto, é um sentimento bom percebido por pessoas boas [...]” (ARISTÓTELES, 2007, p. 108).

Essa ideia de competição saudável pode abrir caminho, em nosso modo de pensar, para a possibilidade de uma rivalidade esvaziada de hostilidade e de ira, o que, por vezes, pode-se perceber em representações sociodiscursivas sobre o esporte, como, por exemplo: “o importante não é vencer, mas competir” (ou seja, o espírito olímpico). Assim entendida, a paixão da emulação, diferentemente da rivalidade, garante que o riso, no futebol, não necessariamente é todo ele escárnio ou maldade, podendo, por vezes, ser aplicado, por exemplo, à correção de defeitos daqueles que amamos, ou seja, a possibilidade da presença do riso bom.

Figura 2 – Charge de Duke: Selfie



Fonte: SUPER NOTÍCIAS. Belo Horizonte: Sempre Editora, 2014, ano 13, n. 4470, p. 2.

Na Figura 2, podemos dizer que estamos diante do riso bom, isso porque a rivalidade aqui abre espaço para a emulação, no sentido de que se está a trocar de comportamento de um atleta não pelo fato de ele jogar mal – realmente não é o caso, pois Neymar se revelou um craque de grande potencial –, mas pela sua obsessão com a própria imagem e na exposição desta.

#### 4 FUTEBOL, DISCURSO E O POLITICAMENTE (IN)CORRETO

Com base em Possenti (1995, p. 125-129), podemos dizer que uma linguagem politicamente incorreta é perceptível a partir de formas linguísticas que veiculam, com maior ênfase, ideias de segregação de classe, de raça, de sexo etc. Nessa linha de raciocínio, a utilização dessa linguagem pode acarretar, entre outras coisas: i) tornar o vocabulário de determinada língua marcado em relação a qualquer grupo discriminado (por exemplo, negro, gay, sapatão, gordo, bicha etc.); e ii) fazer com que os sujeitos produtores de práticas discursivas que utilizam, consciente ou inconscientemente, essa linguagem sejam julgados como preconceituosos (machistas, homofóbicos, racistas...) a partir dos efeitos de sentido que possam ser depreendidos na/pela enunciação de tal vocabulário.

Numa tentativa de reverter essa situação, os partidários de uma linguagem *politicamente correta*, conforme explica Possenti (1995, p. 131; 138), acabam caindo, do ponto de vista linguístico, em erros banais, como, *verbi gratia*, propor a substituição do termo marcado por outro – teoricamente, não marcado –, pois se “considera que a troca de palavras marcadas por palavras não marcadas ideologicamente pode produzir a diminuição dos preconceitos”; entretanto, se o preconceito existe, é somente porque a

sociedade gera condições para que o preconceito e os discursos que o justificam aconteçam.

A reboque dessa substituição, muitas vezes se segue a inexistência na língua de um termo sinônimo, criando, como sugere Possenti (1995, p. 139), “eufemismos de certa forma cômicos, ou verdadeiras definições”, como, por exemplo, “indivíduo casado com atividade sexual paralela” e “prestadora de serviços sexuais” em vez de *adúltero* e de *prostituta*, respectivamente. Ou seja, o politicamente correto se torna politicamente incorreto, dependendo da visada impressa no enunciado pelo sujeito:

Oh, desculpa! Eu não sei fazê esse negócio de *stand-up*... Tô meio nervoso, não tô acostumado a falá no microfone; na verdade, tô aqui só para cumprir a cota de negro no elenco... Queria fazê um protesto: que é muito difícil ser negro no Brasil, é muito difícil ser negro nesse País; tem país que mais fácil você ser negro... Tipo, sei lá: Nigéria, Angola... Uh, hu! Lá só dá *nóis*! Mas aqui é muito preconceito contra o negro. Negro, não! Que agora mudou, vocês tão sabendo? Agora, não pode mais chamar o coleguinha de negro, de preto; agora vocês são obrigados a me chamar de? [*Afrodescendente!*] – responde a plateia] É... agora sim... é um puta respeito comigo, cara. Eu passo na rua e as pessoas falam: “Afrodescendente, só faz merda hein!”<sup>8</sup>

No caso do humor focado sobre o futebol, para além do uso restrito de um vocabulário, a *linguagem politicamente incorreta*, confusamente cerceada pelo *politicamente correto*, influencia a própria estrutura dos gêneros do humor, instituindo novos alvos para além das partes envolvidas no campo, como na figura 3:

Figura 3 – Charge de Duke: Macaco



Fonte: SUPER NOTÍCIAS. Belo Horizonte: Sempre Editora, 2014, ano 13, n. 4494, p. 2.

<sup>8</sup> *Comedy Central Apresenta Stand-up* com Marcelo Marrom. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=014FjRwzFFk>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

Aqui temos referência ao caso do goleiro Aranha, do Santos Futebol Clube. Em uma partida pelo Campeonato Brasileiro 2014, Aranha foi hostilizado pela torcida do Grêmio, sendo chamado de “macaco” por ser afrodescendente. A repercussão do caso gerou uma séria punição ao Grêmio. Mas, o que nos interessa mostrar, aqui, é que o humor, diante do politicamente correto ou incorreto, faz o próprio ato de dizer o politicamente incorreto se tornar alvo de um riso – podemos dizer – *totalmente destruidor*, não da torcedora flagrada no ato, mas da atitude de preconceito que ainda insiste em se mostrar em nossa sociedade e nos campos de futebol.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões acima debatidas – e até mesmo exemplificadas – nos instigam a procurar mais evidências de que tanto o riso bom/alegre quanto o riso malvado/destruidor podem também ter seu papel no entendimento dos discursos sobre o futebol, uma instituição que para muitos é considerada a que melhor representa a cultura de nosso País – depois do “Alemanha 7 x Brasil 1” na última copa do mundo, quem sabe?. No mesmo passo, observar a ação do politicamente (in)correto no humor sobre o futebol parece indicar um redirecionamento dos alvos, principalmente quando se trata do riso malvado, por vezes, focando a própria instituição Futebol ou aqueles que a dirigem no Brasil. Ou seja, escarniar e rir do rival acarreta implicações legais e desportivas que não vale a pena pagar, nem para imprensa nem para os torcedores.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.
- BAUDELAIRE, C. De l'essence du rire et généralement du comique dans les arts plastiques. *Le Portefeuille*, 1855. Disponível em: <<http://baudelaire.litteratura.com/?rub=oeuvre&srub=ess&id=27&s=1#>>. Acesso em: 3 ago. 2012.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre significação da comicidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- HOBBS, T. *Elements of law natural and politic*. 2. ed. London: Cass: 1969.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- PIRANDELLO, L. *O humorismo*. São Paulo: Experimento, 1996.
- POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. *Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 123-140, jul./dez. 1995.
- PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- SANTOS, R. E. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. In: SANTOS, R. E.; ROSSETTI, R. (Org.) *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 17-59.
- VALE, R. P. G. Língua pileata: Bakhtin, linguagem do riso e Análise do Discurso. *Inventário* (revista online), v. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/11/LINGUA%20PILEATA%20BAKHTIN%20finalizado.pdf>>.
- \_\_\_\_\_. *O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso*. 2013. 279f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2013.

Recebido em: 16/02/16. Aprovado em: 21/07/16.

**Title:** *Laughters and soccer: an essay on the passions in sports media*

**Author:** *Rony Petterson Gomes do Vale*

**Abstract:** *This paper is the result of the initial theoretical discussions that underlie our researches about the interface between soccer and humorous discourse. In this text, we try to develop a reflection on a typology of laughter in the comics of humor (in this essay, specifically the charge), in which soccer is the theme central. Even admitting that the rivalry between opposing teams provides – in most cases – the triggering of a derision laugh or an evil laugh, our proposal aims to analyze, from the perspective of discourse analysis, the presence of meaning effects similar to other species of laughter as the happy and good, as Propp postulates in his *Comicidade e Riso*.*

**Keywords:** *Discursive strategy. Laughter. Soccer.*

**Título:** *Risas y fútbol: un ensayo sobre las pasiones en la media deportiva*

**Autor:** *Rony Petterson do Vale*

**Resumen:** *El presente ensayo es resultado de las discusiones teóricas iniciales que basan nuestras investigaciones sobre el interface entre fútbol y discurso humorístico. En este texto, hemos procurado desarrollar una reflexión a respecto de una tipología de la risa en historietas de humor (en este ensayo, más específicamente la caricatura burlesca), en las cuales el fútbol es el tema central. Aunque admitiendo que la rivalidad entre los equipos adversarios proporcione – en la mayoría de los casos – el desencadenamiento de una risa de burlas o de una risa malvada, nuestra propuesta tiene el objetivo de evidenciar, por enfoque del Análisis del Discurso, la presencia de efectos de sentido próximos de otras especies de risa, como lo alegre y lo bueno, como postula Propp en su *Comicidade e Riso*.*

**Palabras-clave:** *Estratégia discursiva. Risa. Fútbol*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.